



Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MóX]

Roberto de Freitas Junior

UFRJ/UERJ-FFP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>

robertofrei@letras.ufrj.br

Kleveland Cristian Barbosa

UFRJ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6848-5196>

klevelandbarbosa@letras.ufrj.br

Érica Cristina Silva

UERJ/FFP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1338-0677>

ericacristina1712@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta o recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento e discute a possível construcionalização da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], doravante construção [MóX], no Português do Brasil. À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2010; TRAUOGOTT e TROUSDALE, 2013), o presente trabalho tem como objetivo mapear, analisar e descrever sincronicamente os contextos de uso de expressões, como [Mó saudade], [Mó legal], [Mó lembrando], [Mó mal], no PB, na tentativa de compreender como se deu esse possível processo de construcionalização. Sob a perspectiva construcional, algumas propriedades do pareamento forma e função serão observadas, visto serem esses os critérios que determinam e definem o novo nó na rede construcional. Para robustecer a ideia de que a construção [MóX] possa ser um exemplo de mudança, tal qual defendido pelo modelo de construcionalização, processos cognitivos de domínio geral, como *chunking* e memória enriquecida, serão abordados. Para situar o estudo e comprovar a criação desse novo nó, foi necessário remontar ao latim, ao galego-português e ao português dos séculos XX e XXI, sendo também realizado um mapeamento de dados extraídos do Twitter. Os dados foram usados para analisar historicamente a evolução e transformação da construção.

PALAVRAS-CHAVE: LFCU; GCBU; Construção de informalidade e intensificação; Construcionalização.



That construction suffered [MóX] change: possible process of constructionalization of [MóX]

ABSTRACT

The article presents the excerpt of a master's research in development and discusses the possible constructionalization of the Informality and Intensification [MóX] Construction, aka the [MóX] construction, in Brazilian Portuguese. In the light of Usage-Based Functional Linguistics (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2010; TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013), having as theoretical support the UBCG, the present work aims to map, analyze and synchronically describe the contexts of use of expressions such as [Mó saudade], [Mó legal], [Mó relembrando], [Mó mal] in BP in an attempt to understand how this possible process of constructionalization took place. From a constructional perspective, some properties of the form-meaning pairing will be observed, as these criteria determine and define the new node in the constructional network. To strengthen the idea that [MoX] construction can be an example of change, as defended by the constructionalization model, domain-general cognitive processes such as chunking and enriched memory will be included. In order to place the study and prove the creation of this new node, it was necessary to go back to Latin, Galician-Portuguese, 20Cth and 21Cst Portuguese by mapping including data extracted from Twitter. The data were used to historically analyze the evolution and transformation of the construction.

KEYWORDS: UBFL; UBCG; Informality and intensification construction; Constructionalization.

1. Introdução

Expressões, como ‘Mó saudade’, ‘Mó legal’, ‘Mó relembrando’ e ‘Mó mal’, têm sido usadas em situações cada vez mais frequentes de fala e de escrita no Português do Brasil (PB). Aparecem em contextos informais, não só em interações entre crianças e adolescentes, mas também entre adultos, principalmente nos bate-papos das redes sociais. A observação cuidadosa sobre tal uso permitirá perceber que é comum figurarem ainda nos chamados ‘memes’, nas letras de música, nas histórias em quadrinhos, entre outros gêneros.

O propósito do presente artigo é investigar, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, a LFCU (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), a possibilidade de formação do que denominamos aqui de Construção de Informalidade e Intensificação [MóX]¹, vulgo construção [MóX]. Queremos discutir sua possível trajetória de formação, partindo da hipótese de que ela é originária de usos com a forma ‘Maior X’, registrada desde o latim.

O objetivo de nosso trabalho aqui é, assim, discutir a hipótese de que, de fato, estejamos tratando de um novo nó na rede construcional dos falantes do PB – oriundo de construcionalização –, e não exatamente apenas de um caso de mudanças no polo da forma, via redução fonológica, de [Maior X], o que consistiria em apenas mudança construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Nesse viés, o estudo se apoia especificamente no modelo de Construcionalização (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), uma vez que partimos do princípio de que novas construções se formam a partir da experiência com o uso da língua, através de habilidades cognitivas de domínio geral,

¹ A Construção de Informalidade e Intensificação em estudo, vulgo [MóX], será aqui representada sem espaço entre o item ‘Mó’ e seu *slot*, figurado por ‘X’, uma vez que entendemos tal estrutura como um *chunk*. Na perspectiva da gramaticalização, inclusive, defendemos que o item ‘Mó’ apresenta caráter prefixal e, portanto, de total aderência ao vocábulo que modifica.

ou seja, não especificamente linguísticas, e que atuam na formação da gramática do indivíduo e de comunidades linguísticas. Apostamos que a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] é oriunda de pressões discursivas que influenciam seu surgimento em novos contextos de uso, apresentando alterações em termos de forma e sentido.

A fim de alcançar tais objetivos e verificar a hipótese, será apresentada uma análise qualitativa e quantitativa de sua trajetória diacrônica, com base em ocorrências extraídas dos portais *The Latin Library* e *Universo Cantigas*, para os dados do latim e do galego-português, respectivamente, e do *Corpus* do Português e do *Twitter*, para os dados do português dos séculos XX e XXI. Em outras palavras, será feita a análise dos construtos que possivelmente instanciam a construção na sincronia atual e em anteriores.

Assim, partindo de evidências atestadas nos dados sincrônicos e diacrônicos revisitados neste estudo, a respeito de mudanças nos âmbitos de sua forma e de seu sentido, acreditamos que a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX]:

- (i) forma um *chunking*, por apresentar leitura idiomatizada de intensificação em contexto específico de informalidade;
- (ii) surge do comparativo [MaiorX], mas sofre erosão fonética ('Maior > Mó');
- (iii) torna-se, inicialmente, mais produtiva, por expansão da classe hospedeira do *slot* (X), que aos poucos apresenta uma gama maior de itens;
- (iv) fixa-se, ainda, no PB sincrônico, em quatro microconstruções de intensificação de categorias gramaticais: nomes, adjetivos, advérbios e verbos;
- (v) apresenta microconstruções emancipadas decorrentes da alta frequência de uso.

Este artigo está dividido em quatro seções, a contar desta. Na próxima, será apresentada a possível origem da construção, sendo necessário remontar ao latim, bem como sua trajetória evolutiva desde o galego-português até o português do século XX. Na terceira seção, por seu turno, serão empreendidos uma análise sincrônica e um mapeamento dos usos da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], no século XXI (de 2007 a 2021), com base em ocorrências extraídas do *Twitter*. Finalmente, na conclusão, serão sintetizadas as principais reflexões oriundas das análises realizadas.

2. Possível trajetória evolutiva da construção [MóX]

Nesta seção, apresentaremos a possível origem da construção [MóX], sendo necessário para tal, remontar ao latim, bem como ao galego-português e ao português do século XX. Assumimos, como hipótese de sua trajetória, que o surgimento daquele pareamento forma-função deu-se a partir do item 'maior' do latim, pois temos por base evidências empíricas para tal crença, como será demonstrado.

Passemos, assim, à trajetória evolutiva do item. Trata-se de um adjetivo irregular, resultante da junção da raiz *mag* (> *magnus*, "grande") com o sufixo comparativo de superioridade '-ior',

usado para o masculino e feminino (FARIA, 1958, p. 125). Em relação ao significado desse morfema, Berge et al. (1946, p. 57) observam: “O comparativo indica também grau elevado ou demasia. Maior - por demais grande, muito grande, grande demais.” Na mesma esteira, Pinkster (2015, p. 46, tradução nossa)² reconhece que “a partir de muitos adjetivos, podem ser derivadas as formas de comparativo e superlativo que indicam que a propriedade relevante se aplica a entidade em um grau mais alto ou no mais alto grau de intensidade”.

De fato, essa propriedade semântica explica de que forma, a partir do sentido de tamanho, passa-se ao de intensidade, presente atualmente na construção [MóX], inclusive. Isso ocorre, porque, sendo uma experiência concreta, o primeiro constitui um domínio fonte para o segundo, entidade mais abstrata e correspondente ao domínio-alvo de um processo de transferência metafórica (MIRANDA, 2009, p. 69).

Indicadas as propriedades do modificador ‘maior’ no latim, citamos algumas de suas ocorrências, extraídas da plataforma *The Latin Library*³.

QUADRO 1. Dados do latim⁴

(1) Comecei a observar se por acaso o filho prestaria maior sacrifício para mim do que o pai dele havia prestado. (PLAUTUS, <i>Aulularia</i> , séc. III-II a.C., tradução nossa)
(2) Reconduziu as quatro legiões restantes para o acampamento maior (CAESAR, <i>Bellum Gallicum</i> , séc. I a.C., tradução nossa)
(3) Sob juramento diz que Timarchides afirmou que um [montante] maior de dinheiro foi dado pelos acusadores (CICERO, <i>In Verrem</i> , séc. I a.C., tradução nossa)
(4) Daí, inclusive, [Numa Pompilius] deve ser tido como homem mais importante, visto que conheceu, quase dois séculos antes, aquela sabedoria necessária para estabelecer a cidade (CICERO, <i>De Oratore</i> , séc. I a.C., tradução nossa)
(5) Do contrário, estaria em vias de disseminar impopularidade maior do que antes (PLINIUS SECUNDUS, <i>Epistularum</i> , séc. I-II d.C., tradução nossa)

Fonte: Autoria própria (2021)

A partir do cotejo dos dados, percebemos que no latim ‘maior’ pode recrutar tanto substantivos concretos, como ‘*honorem*’ [sacrifício], ‘*castra*’ [acampamento militar], ‘*pecuniam*’ [dinheiro] e ‘*vir*’ [homem], quanto abstratos, como vimos em ‘*invidiam*’ [impopularidade] (5). Por outro lado, verificamos que o modificador pode ocorrer em diferentes partes da sentença: antes do nome ((3) a (5)), depois dele ((2)) e, inclusive, ainda é possível a presença de elementos intervenientes entre modificador e modificado, como se constata em (1), no qual há os SNs ‘*filius*’ [filho] e ‘*mihi*’ [para mim].

² No original: “From many adjectives comparative and superlative forms can be derived that indicate that the relevant property applies to the entity in a higher or in the highest degree of intensity”.

³ O século entre parênteses, após o nome das obras, refere-se ao tempo de vida dos autores, numa tentativa de indicar, ainda que aproximadamente, o momento em que os dados foram produzidos. A fonte dessa informação é a enciclopédia virtual *Britannica*.

⁴ No original: (1) “*coepi observare ecqui maiorem filius mihi honorem haberet*”; (2) “*quattuor reliquias legiones in castra maiora reduxit*”; (3) “*iuratus dicit Timarchidem dixisse maiorem pecuniam ab accusatoribus*”; (4) “*quo etiam maior vir habendus est quoniam illam sapientiam constituendae civitatis duobus prope saeculis ante cognovit*”; (5) “*alioqui maiorem invidiam quam proxime passurus*”.

Ademais, para além do sentido intensificador, há outros matizes de sentido para o item (FARIA, 1962): comparativo em (1) e (5), dimensivo em (2), quantitativo em (3), e superlativo em (4).

Por fim, cabe notar os contextos de uso das estruturas, em termos de registro. É possível observar que elas ocorrem em um *continuum* de formalidade. Em um dos extremos, localizam-se o comentário (*Bellum Gallicum*), o discurso jurídico (*In Verrem*) e o tratado retórico/filosófico (*De oratore*), caracterizados por serem mais formais; no outro extremo, figuram a comédia (*Aulularia*) e a carta (*Epistularum*), de características menos formais.

Uma vez entendidas as características desse modificador no latim, avancemos em sua trajetória evolutiva no galego-português. À luz de Antenor Nascentes (1955), constatamos que a forma ‘maior’ sofre os seguintes processos fonéticos: monotongação de [ai] > [a] (maor); assimilação de [ao] > [oo] (moor) e crase de [oo] para [o] (mor). A esse respeito, Corominas e Pascual (1984, p. 890) afirmam que as formas ‘maior’, ‘maor’ e ‘mor’ competem entre si. Como exemplo, citamos algumas ocorrências disponíveis no portal Universo Cantigas:

QUADRO 2. Dados do galego-português⁵

(6) Considera agora se há de sofrer o maior castigo no mundo! (PERO GARCIA BURGALÊS, <i>De quantos mui coitados som</i> , séc. XIII, tradução nossa)
(7) E por isto eu soffro o maior castigo dos quais o Amor fez sofrer (? , tradução nossa) ⁶
(8) E o que mais hei de perder daquilo que [já] perco? Pereço e, ao meu ver, não há mais aí nem posso mais saber, nem maior perda posso calcular (PERO GARCIA BURGALÊS, <i>Meus amigos, oimais quero dizer</i> , séc. XIII, tradução nossa)

Fonte: Autoria própria (2021)

Diferentemente do latim, na amostra de dados supracitada, os modificadores figuram apenas em posição pré-nominal e junto de substantivos abstratos (‘coita’ e ‘perda’). Além disso, essas ocorrências não podem ser classificadas como mais ou menos formais, porque, apesar de pertencerem à literatura – esfera que tende a ser de natureza mais formal – elas apresentam alguns traços de oralidade, de modo que estão no meio do *continuum*. Os dados do galego-português podem estar evidenciando duas características de forma e função importantes da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], detectada na atual sincronia do PB: a fixação da forma ‘mó’ na posição inicial da construção e seu papel de associação a contextos de informalidade.

Ainda que todos os dados possibilitem uma leitura intensificadora, constatamos também que ressalta em alguns deles o valor comparativo na amostra do galego-português, como em (6) e (7), um fato que aos poucos parece conviver com a nova especialidade de sentido da construção [MóX], que focaliza intensificação em contextos de informalidade e não mais a informação de comparativo.

⁵ No original: (6) “veed’ ora se á maior coita no mundo de sofrer!”; (7) “E por aquesto sofr’eu a maor coita de quantas fez sofrer Amor”; (8) “E que mais ei de que perç’ a perder? O corpo perç’ e, quant’ é meu cuidar, non á i mai nen posso mais saber nen moor perda non poss’ eu Osmar”.

⁶ Não há informações sobre o autor ou sobre o nome da cantiga do dado (7) nem no Universo Cantigas, nem em outras fontes. Nos outros dois dados, indica-se o ano de produção de forma aproximada, tendo em conta o período em que viveu o autor, com base em informação disponível no site Cantigas Medievais Galego-Portuguesas.

Finalmente, chegamos à possível origem da forma ‘mó’, que, provavelmente, remonta à forma arcaica ‘mor’. Tal conjectura se mostra plausível porque, conforme Calou et al. (1998), o fenômeno de apócope do [r] em coda é antigo na variedade brasileira, especialmente nas falas de pessoas negras. Outro aspecto corroborativo para tal hipótese é a semelhança de distribuição e de características morfossintáticas partilhadas por ‘mor’ e ‘mó’. A partícula ‘mor’ já modificava majoritariamente nomes, conforme constatamos nos dados extraídos do *Corpus* do Português, todos da obra *Os Rios Inumeráveis*, de Álvaro Cardoso Gomes (1997).

QUADRO 3. Dados do Português do século XX

(9) “tal fora o som dum martelo batendo em bigorna, não me causou mor dano...”
(10) “mas há quem diga que plantas de mor porte alimentam-se também de cervos e javalis e até mesmo de jaguares”
(11) “um guerreiro, cuja face pintada de urucum inspirava o mor horror”
(12) “A guerra parece causar-lhes o mor prazer”

Fonte: Autoria própria (2021)

Na amostra, ‘mor’ ocorre à esquerda do elemento modificado e recruta substantivos abstratos (‘dano’, ‘porte’, ‘horror’ e ‘prazer’). O modificador ainda figura em contexto mais formal: num romance escrito no final do século XX. Além disso, verificamos que o dado (10) é o único em que a estrutura expressa comparação de tamanho; nos demais, predomina a leitura associada à intensidade, tão cara aos dados sincrônicos.

Dessa maneira, com base no presente exposto, levantamos a hipótese de que ambas as formas, ‘mor’ e ‘mó’, coexistem por um tempo na posição pré-nominal, embora aos poucos a forma ‘mó’ triunfe e vá formando, junto do item por ela modificado, um único pareamento, um *chunk*, de características formais e funcionais, que indicam a emergência de um item independente na língua, de caráter associado à intensificação e restrito a contextos de informalidade, como veremos mais à frente.

Nesse contexto de discussão, é necessário abordarmos novamente a expansão das classes gramaticais aceitas pelo *slot* da construção [MóX]. Neste ponto, traçamos outra hipótese: sendo, originalmente, um adjetivo no grau comparativo, é esperado que o item ‘maior’ – ‘maior’ ~ ‘maor’ ~ ‘moor’ ~ ‘mor’ – associe-se, originalmente, a substantivos, para qualificá-los. Contudo, é possível que a expansão do *slot* (X) na Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] tenha começado quando ‘mó’ adquiriu o sentido específico de intensificador e, com isso, construcionalizou-se como uma espécie de prefixo que modifica nomes, adjetivos, advérbios e até verbos. Na verdade, devido às especificidades de suas características formais e funcionais, os dados sincrônicos apontam para a formação de uma única construção, formada por construcionalização, e evidenciada no histórico apresentado.

Com o intuito de síntese da presente seção, apresentamos, no Quadro 4, os principais resultados de nossas análises.

Na próxima seção, continuaremos discutindo a provável origem da construção [MóX]. Para além da erosão fonética, tal estrutura apresentou mudanças de outras propriedades formais, como a expansão das categorias que configuram o *slot* (X). Também apresentou mudanças de

propriedades de sentido, como a perda do valor comparativo original – embora a comparação persista como extensão metafórica – e o ganho da especialização do sentido intensificador e de seu caráter de informalidade.

QUADRO 4. Resumo das propriedades da estrutura Maior X e suas variantes

Construção / Polo	Maior X	Maor X	Moor X	Mor X
Forma	Posição pré ou pós-nominal	Posição pré-nominal	Posição pré-nominal	Posição pré-nominal
	Presença de elemento interveniente	–	–	–
	Instancia substantivos concretos e abstratos	Instancia substantivos abstratos	Instancia substantivos abstratos	Instancia substantivos abstratos
	–	–	–	Instancia advérbio
Significado	Sentido intensificador	Sentido intensificador	Sentido intensificador	Sentido intensificador
	Sentido comparativo	Sentido comparativo	Sentido comparativo	Sentido comparativo
	Sentido dimensivo, quantitativo e superlativo	Sentido superlativo	–	Sentido superlativo
	Registro ± formal	Registro + formal	Registro + formal	Registro + formal

Fonte: Autoria própria (2021)

3. Análise sincrônica: contextos de uso de [MóX] no século XXI

Na seção anterior, demonstramos algumas alterações, majoritariamente formais, identificadas nos usos das formas [Maior X] e [Mor X] no latim, no galego-português e no português do Século XX. Nesta seção, demonstramos, sincronicamente, possíveis alterações formais e idiomáticas gerais, que podem evidenciar o surgimento desta suposta construção, em contextos pragmáticos específicos do PB.

Entendemos, conforme Traugott e Trousdale (2013), que para afirmarmos que houve mudança linguística, construcionalização e formação de uma Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] no PB contemporâneo, depois de analisarmos sua historicidade, precisamos atestar mudanças sincrônicas nos planos da forma e de sentido do item emergente nessa gramática.

Apresentamos agora, portanto, uma análise sincrônica de dados que supostamente instanciam a construção [MóX], para demonstrar como tal mudança pode ter ocorrido. Assim, revisitamos dados do PB do século XXI, extraídos do *Twitter*, para entendermos o funcionamento contemporâneo de usos com a construção [MóX].

3.1 Contextos de uso da construção [móx] no PB (2007 até 2021)

A partir de agora, para demonstrarmos o comportamento da estrutura em estudo e suas possíveis características de forma e sentido, apresentamos um mapeamento de dados extraídos do Twitter, que supostamente instanciam a construção [MóX]. Partimos do seguinte objetivo: demonstrar a convencionalização e cristalização sincrônica da construção através de dados de uso real, mas também verificar as possíveis mudanças construcionais que ocorreram antes e durante o curso da convencionalização do item na língua e que levaram à formação da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX].

Os dados apresentados no Quadro 5, retirados do nosso *corpus*, ilustram o objeto da pesquisa.

QUADRO 5. Dados do *Twitter*

1 - *****25 de dez de 2007 to mo feliz ganhei uma camiseteria o meu amigos Secreto (minha sogra) mo legal Tiporama!!! (2007)
2 - *****30 de jan de 2009 aauhahu.. engraçado é q o cursinho tava mó esperando festivo o resultado pro meio-dia. a lista vazou no <i>orkut</i> , agora quebrou eles.. (2009)
3 - *****30 de dez de 2011#to aki num mo tediooo...> (2011)
4 - *****30 de dez de 2013 ***** nossa, dá mó vontade de contar pra você tudo que acontece KKKKKKKK" mas sou legal, então vou ficar quieta. (2013)
5- ***** 30 de dez de 2015 Mo legal quando a pessoa te chama pra sair e 2 min depois diz que vai sozinho kkkkkkkk (2015)
6 - *****30 de dez de 2017 Eu estava malzona por tudo que estava acontecendo cmg, mais dai fiquei com Duda!! E ela e top, me faz mo bem aindaaaaa Ex Best (2017)
7 - *****30 de dez de 2019 Eu mó achando que ia ficar até fevereiro de férias mais dia 13 já começo a tramar (2019)
8 - *****1 de janque dia mó nada a ver (2021)

Fonte: Autoria própria (2021)

A primeira parte dessa discussão foi desenvolvida ao longo da seção 2. Vimos, no que diz respeito à forma, que a construção [MóX] emergiu de usos em contexto de comparação com 'MaiorX', com especialização do sentido de intensificação, particularmente, no contexto de uso informal. O item 'maior' sofreu alteração da forma, passando por um processo de erosão fonética com o apagamento de [r] na sílaba final e a perda do encontro vocálico 'Maior'. Esses processos resultaram na formação da partícula 'mó' que foi se cristalizando por meio da frequência de uso, uma consequência natural associada ao processo de mudança.

Vimos ainda que os usos antecedentes, de onde supostamente emerge a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], apresentavam maior grau de rigidez de seleção categorial para o item modificado, sendo o substantivo o mais frequente, e vimos ainda maior associação de usos a contextos de registro formal. De todo modo, os dados da seção 2 mostraram que tanto as categorias quanto o grau de formalidade não se mostraram categóricos, no que tange a certas possibilidades de uso.



Segundo Goldberg:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto da sua forma ou da sua função não seja estritamente previsível das suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Ademais, padrões são armazenados como construções mesmo se eles são totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente. (2006, p. 5, tradução nossa)⁷

Então, tendo em vista os postulados de Goldberg, a construção [MóX] pode ser assumida como uma construção em razão de suas características não composicionais de forma e função. Ainda, por adotarmos o modelo da LFCU e sua aposta no impacto da representação rica da memória, podemos postular a existência de padrões emancipados, seja por características de forma e função próprias, seja por aspectos referentes à frequência de uso, que também são ligados em rede à construção em questão.

Os dados agora avaliados apresentam o mapeamento atualizado de usos e indicam como a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] encontra-se em franco processo de especialização e automatização no PB.

Para o estudo, foram analisadas 800 ocorrências de uso (*tokens*), extraídas da rede social *Twitter*, entre os anos de 2007 e 2021. Após o mapeamento, obtivemos os seguintes números:

TABELA 1. Um panorama da análise sincrônica da construção [MóX]

[MóX _{SN}]			[MóX _{SADJ}]			[MóX _{SADV}]			[MóX _{SV}]			
Total de Tokens	TIPO		Total de Tokens	TIPO		Total de Tokens	TIPO			Total de Tokens	TIPO	
	Concreto	Abstrato		Prototípico	Não Prototípico		Tempo	Modo	Intensidade		Finito	Não Finito
409	26	383	364	55	309	14	07	06	01	13	07	06

Fonte: Autoria própria (2021)

A partir dos dados, verificamos que houve, no uso da construção [MóX], uma extensão categorial do *slot* (X). Observemos na Tabela 1 como (X) é representado por classes gramaticais diversas, o que não ocorria em tempos anteriores da língua. É possível afirmar que houve aumento significativo dos itens recrutados.

Do total de dados na posição (X), identificamos a emergência de 409 substantivos, 364 adjetivos, 14 advérbios e 13 verbos. Comprovadamente, podemos dizer que a posição (X) admite

⁷ No original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency”.

sincronicamente não apenas nomes, a categoria ainda privilegiada, mas também advérbios e verbos. Portanto, os dados ratificam duas mudanças no plano da forma: o aumento da classe hospedeira da construção, com a possibilidade de usos de mais advérbios e de uma categoria nova, os verbos, além da redução fonética já atestada em tempos anteriores.

Além disso, constatamos algumas informações que apontam para certa coerência semântica dos usos, de modo que podemos dizer que sincronicamente, talvez, tenhamos a emergência de quatro padrões distintos de uma construção mais geral, a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX].

Dessa forma, para refinarmos ainda mais o estudo da construção, buscamos detectar possíveis tendências de forma e/ou sentido específicas das construções, além de possíveis restrições construcionais. Assim definimos, por análise qualitativa, subclassificações acerca das categorias emergentes no *slot* (X) e notamos que o padrão [MóX_{SN}] se apresenta, majoritariamente, com substantivos abstratos (383), o que sugere que ele tende a repelir o SN concreto. Apesar disso, usos com SNs concretos, como em ‘mó sala’, ‘mó nariz’, ‘mó subidona’, aparecem nos dados e parecem indicar resquícios da forma originária ‘maior’, no sentido comparativo, e não necessariamente apenas a informação de intensificação.

Em relação ao padrão [MóX_{SADJ}], foram encontrados 364 *tokens*, sendo as construções subclassificadas como ‘prototípicas’ (formadas por adjetivos e não locuções), as mais encontradas (309). Parece que o padrão tende a preferir os adjetivos prototípicos.

Quanto à construção [MóX_{SV}], encontramos 13 *tokens*. Os itens verbais foram subclassificados como ‘finitos’ ou ‘não finitos’, sendo, no primeiro grupo, encontradas 7 ocorrências em que figuram dados no pretérito – [Mó considerava], [Mó tinha que fazer] – e no presente – [Mó sabe], [Mó mia], [Mó entendo]. Desses tempos verbais, o presente foi predominante. Nenhum verbo no tempo futuro foi observado, o que nos faz pensar que construções [MóX_{SV}] em tal tempo verbal causaria certa estranheza. Usos, como ‘Ele mó sabe’ ou ‘Eu mó entendo’, são perfeitamente aceitáveis no PB sincrônico; no entanto, postulamos que usos na forma futura não são tão comuns assim, sendo possivelmente considerados expressões agramaticais, derivadas de restrições construcionais a respeito do uso do tempo futuro. Outra restrição parece emergir em relação ao que classificamos como traço ‘não finito’ do item verbal (formas nominais do verbo), posto que ficou evidente a tendência dos dados apresentarem uso do gerúndio. Encontramos com frequência (5/13) construtos, como ‘mó lembrando’, ‘mó desabafando’, ‘mó achando’, e ainda um uso no infinitivo: ‘mó querer ministrar’.

No que diz respeito à construção formada por [MóX_{SADV}], observamos 14 *tokens*, dos quais 7 correspondendo a advérbios de tempo, 6 a advérbios de modo e 1 de intensidade. Diante desse quadro, verificamos que usos, como ‘Mó bem’ e ‘Mó cedo’, são perfeitamente aceitáveis, enquanto algo como *mó talvez, *mó com certeza, *mó aqui poderia ser considerado como agramaticais, visto que advérbios de dúvida, de afirmação, de lugar e outros são possivelmente repelidos pelo padrão [MóX_{SADV}].

Ainda sobre os padrões [MóX_{SN}], [MóX_{SADJ}] e [MóX_{SADV}], apoiados no modelo da GCBU, entendemos que alguns usos, tendo em vista sua frequência no *corpus*, podem, sim, ser considerados como instanciações de construções independentes, emancipadas, uma vez que são

facilmente acessadas, pois já estão prontas, disponíveis e armazenadas em nossa memória enriquecida (BYBEE, 2010). A recorrência de certos usos parece instanciar mais diretamente representações, como [Mó saudade], [Mó tempão], [Mó preguiça], [Mó legal], [Mó cara de X], [Mó bem]. Assim, de acordo com o impacto da forte frequência de ocorrência, alguns exemplos, após esse estudo, levam-nos à aposta de que instanciam construções independentes, autônomas, no *constructicon* do falante do PB.

TABELA 2. Construções emancipadas

Sintagma	Construção	Frequência de ocorrência
Nominal	[Mó Saudade]	43/409
	[Mó Tempão]	24/409
	[Mó Preguiça]	18/409
	[Mó Vontade]	18/409
Adjetival	[Mó Legal]	34/364
	[Mó Bom]	16/364
	[Mó Cara de]	12/364
Adverbial	[Mó bem]	5/14

Fonte: Autoria própria (2021)

Assim, observando todas as alterações de forma e sentido, foi possível verificarmos a emergência de um novo nó na rede que surge no *constructicon* do PB. Percebemos ainda, mediante a escolha do *corpus*, via site Twitter (rede social caracterizada pela informalidade), que quanto menor for o grau de formalidade, maior possibilidade de usos que instanciam tal construção. Trata-se de uma inovação aparentemente mais associada à oralidade e à escrita de crianças e jovens em contexto informal e de intensificação. A construção [MóX] corresponde, pois, a um caso de construcionalização, por ter sofrido alterações de forma e sentido, ratificando, desse modo, a tendência de expansão da língua. Observamos ainda a possibilidade de formação de quatro microconstruções, os padrões [MóX_{SN}], [MóX_{SADJ}], [MóX_{SADV}] e [MóX_{SV}], de características de forma e sentido que apontam para a formação de *chunks* independentes, além da existência de possíveis formas emancipadas, graças ao efeito de frequência com que elas ocorrem no PB.

4. Considerações finais

Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado que visa a investigar a emergência do que denominamos Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] no PB contemporâneo ou construção [MóX]. Tal estudo tem como aporte teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso, na interface da mudança linguística, sob o viés da construcionalização. A escolha desse aporte teórico se justifica por considerar o uso real da língua, com fins de descrição

linguística e da representação cognitiva da gramática. Assim, acreditamos que, por meio desse enfoque, seja possível comprovar que o surgimento da construção supracitada seja, de fato, um caso associado ao modelo de construcionalização no PB. Trata-se de um estudo construcionista que levou em conta também a frequência de ocorrência empiricamente atestada nos usos de dados em *corpora* diacrônicos e em *corpus* sincrônico, a saber, o *Twitter*.

A partir dos resultados obtidos, tornou-se possível afirmar que a construção se especializa no PB com função pragmática de intensificação e que é específica de uso no registro informal. Em sentido oposto a tal tendência, em estudos também por nós desenvolvidos, usos com a forma 'maior X' não apresentaram apenas sentido de intensificação e não emergem categoricamente em contextos informais de uso da língua. De fato, pelo que sugerem os resultados desta fase da investigação, essa é uma construção construcionalizada no PB sincrônico.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Roberto de Freitas Junior – Conceptualização; Metodologia; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão e edição.

Kleveland Cristian Barbosa – Conceptualização; Investigação; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão e edição.

Érica Cristina Silva – Conceptualização; Investigação; Metodologia.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento para a realização deste estudo.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

BERGE, Damião. et al. *Ars latina IV: Gramática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1946.

BYBEE, Joan Lea. *Language, usage and cognition*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 61-72, 1998.

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt>. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José Antonio. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. v. 3. 1. ed. Madrid: Gredos, 1984.



Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective.** 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.

Encyclopedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com>. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português.** 3. ed. Rio de Janeiro: MEC; Departamento Nacional de Educação, 1962.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina.** 1. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language.** 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its Application to English.** 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

MIRANDA, Neusa Salim. Construções gramaticais e metáfora. **Gragoatá (UFF)**, v. 14, n. 26, p. 61-80, 1. sem. 2009.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

PEREK, Florent. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar.** 1. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

PINKSTER, Harm. **The Oxford Latin Syntax, Volume I: The Simple Clause.** 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.

The Latin Library. Disponível em: <http://thelatinlibrary.com>. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes.** 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Universo Cantigas. Disponível em: <https://universocantigas.gal>. Último acesso em: 20 de out. de 2021.